

**GRAFISMOS URBANOS:
estudo de caso das pichações no bairro Eldorado, em Contagem - MG¹**

**URBAN GRAPHISM:
graffiti case study in the Eldorado neighborhood (Contagem – MG)**

Erick Vinicius Pereira Lopes²

RESUMO

Grafismos Urbanos são formas que denotam um tipo ou certa forma de expressão produzidos com o intuito de se repassar algum tipo de mensagem ou informação, em variadas situações e escalas. Dentre eles, destacam-se então as pichações, que são formas de demarcar e impor a presença de pessoas ou grupos simbolicamente as e nas paisagens urbanas por meio de palavras, signos, formatos, cores e desenhos. Com as pichações, tem-se pistas, sobre as pessoas consideradas mais jovens, utilizando desses mecanismos e de atrações nas centralidades e em pontos estratégicos do espaço urbano. Assim, esse estudo tem como objetivo apresentar, compreender e analisar os padrões e densidades de modo genérico dos Grafismos Urbanos encontrados em uma importante centralidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH): o bairro Cidade Jardim Eldorado, em Contagem, Minas Gerais. Buscou-se ainda neste trabalho possíveis relações entre as pichações e o urbano. Utilizou-se de técnicas de inventariação juntamente com georreferenciamento para a criação de um mapa que ilustre a distribuição e dinâmica dos pichadores. A metodologia seguiu procedimentos adotados em trabalhos anteriores desenvolvidos na cidade de Belo Horizonte, sendo composta dos seguintes passos: planejamento de rotas; utilização dessas rotas para a realização de registros fotográficos das pichações; registro das suas coordenadas geográficas e preenchimento de formulários específicos para cada pichação; construção de um banco de dados alfanumérico; geração de estatísticas descritivas; e, posteriormente, a criação de um mapa coroplético, focando na densidade das manifestações, junto a análises estatísticas.

Palavras-chave: Grafismos Urbanos. Pichações. Eldorado. Georreferenciamento.

ABSTRACT

Urban graphics are forms that denote a type or a certain form of expression produced to convey some type of message or information, in various situations and scales. Among them, then, graffiti stands out, which are ways of demarcating and imposing the presence of people or groups symbolically and in urban landscapes through words, signs, formats, colors, and drawings. With the graffiti, there are clues about people considered younger, using these mechanisms and attractions in the centralities and strategic points of the urban space. Thus, this study aims to present, understand, and analyze the patterns and densities in a generic way of Urban Graphics found in an important centrality of the Metropolitan Region of Belo Horizonte:

¹ Pesquisa desenvolvida com o apoio do programa Fundo de Incentivo a Pesquisa (FIP) da PUC Minas.

² Graduando em Geografia - Licenciatura e Bacharelado PUC - Minas. E-mail: erick.viniciuspl@gmail.com.

the Cidade Jardim Eldorado neighborhood, in Contagem, Minas Gerais. In this work, possible relations between graffiti and urban areas were also sought. Inventory techniques were used together with georeferencing to create a map that illustrates the distribution and dynamics of the graffiti artists. The methodology followed procedures adopted in previous works developed in the city of Belo Horizonte, comprising the following steps: route planning; use of these routes for photographic records of graffiti; registration of their geographical coordinates and filling in specific forms for each graffiti; construction of an alphanumeric database; generation of descriptive statistics; and, later, the creation of a choropleth map, focusing on the density of the manifestations, together with statistical analyzes.

Keywords: Urban Graphics. Graffiti. Eldorado. Georeferencing.

1 INTRODUÇÃO

Os atores e os processos responsáveis pela construção das cidades deixam marcas importantes na paisagem urbana, marcas estas caracterizadas por sua natureza transiente e efêmera, que podem assumir condições tanto concretas/materiais quanto simbólicas/imateriais. Essas paisagens urbanas são moldadas/modeladas pelas funções, estruturas, formas, acessos, movimentos e apropriações levadas a cabo por certos indivíduos ou grupos. Santos (2000) alerta para a disputa, pela paisagem urbana, existente entre atores hegemônicos (que são os detentores dos meios de produção), que utilizam o espaço com a intenção de se ter controle físico, valor de troca, lucro, recursos ou interesses, e atores hegemonzados (que são influenciados pelos primeiros), que utilizam o espaço com a intenção de abrigo, funcionalidades e identidade.

Esses embates entre atores hegemônicos e hegemonzados gera uma série de territórios e territorialidades, aspectos que Raffestin (2009) nos ajuda a compreender, indicando que quando um indivíduo se apropria de forma concreta (material) ou abstrata (imaterial) um espaço, acaba “territorializando-o”, ou seja, projetando sobre o mesmo poder, de modo a garantir a satisfação de suas necessidades. Muitas vezes, ao longo deste processo, territorialidades se sobrepõem (territorialidades flexíveis), de modo a adaptar o espaço às formas de uso afetas aos grupos ali presentes. Destaque-se que as territorialidades não existiriam sem os territórios, elementos que, segundo Haesbaert (2009), podem apresentar tanto as dimensões concretas (políticas, materiais) como imateriais (identidade, simbolismo), ou seja, uma visão atrelada ao próprio conceito de territorialidade.

Dentre as formas mais conspícuas de territorialização presentes nas paisagens urbanas contemporâneas figuram-se os grafismos urbanos, entendidos como qualquer expressão considerada artística ou não, produzida manualmente com o intuito de se passar mensagem e que possua como suporte a cidade (RAMOS, 1994). Existem diversas formas e estilos

associados aos grafismos urbanos, no entanto, as pichações são, de longe, as mais populares e as mais evidentes. Trata-se de uma forma de demarcação simbólica das paisagens urbanas, na qual o(s) autor(es) se expressam por meio da aplicação sobre muros, fachadas, monumentos e equipamentos urbanos palavras, signos e desenhos, deixando a sua marca pessoal.

Essas marcas fazem parte da construção do pichador na subcultura³ da pichação, na qual esta forma de grafismo representa uma forma de expressão e crítica dos valores sociais, grupos de poder e meios de produção hegemônicos. Trata-se, portanto, de uma forma adotada por grupos hegemonzados e excluídos para garantir a visibilidade na cidade; uma estratégia de resistência e sobrevivência.

Em um estudo articulado, Isnardis (1997) deu pistas sobre a atuação espacial dos jovens pichadores em Belo Horizonte, que importamos aqui para Contagem, identificando cinco tipos básicos de territórios, que se articulam:

O **bairro de origem** é o local onde predominam as marcas do grupo hegemônico, por tal fato, ali é onde se encontra uma maior frequência de tal grupo e de diversos pichadores associados a ela. As pichações ali realizadas têm um público-alvo restrito, devido à baixa circulação de pessoas, sendo os próprios pichadores locais ou algum visitante eventual, e os transeuntes não pichadores. Pichar no bairro é mais fácil, tendo um número maior de pichadores, alguns dos quais nunca se arriscam mais e não deixam o mesmo. Por ser facilitada a pichação em tal lugar é considerada menos valorizada e como uma área de treino, de iniciante, inicial.

A **principal via de acesso** à região na qual se situa o bairro de origem é considerada um espaço que ganha mais valor, dada a maior visibilidade que se tem às pichações. O público observador aumenta e inclui todos os pichadores do bairro, transeuntes regulares ou eventuais, e pichadores de outras áreas. Por serem vias com uma certa movimentação de pessoas e veículos a maior parte do tempo, a pichação ali se torna mais arriscada, mais ousada, fazendo que se tenha um maior status ali. Nesse lugar, o número de autores de um grupo começa a diminuir.

Um **grande eixo viário** é um local com uma maior visibilidade, e, portanto, maior dificuldade de execução e ousadia das pichações. Em tal lugar, se encontra um número acentuado de pichações de diversas regiões e bairros.

O **Centro da cidade** é a área mais cobiçada pelos pichadores de Belo Horizonte e seu entorno (toda a Região Metropolitana). Por ser território de ninguém, é território

³ A palavra subcultura, de acordo com Canevassi (1993), é aplicada como um termo para tentar identificar ou segregar uma fração comportamental de grupos que possuem estilos e ideologias distintas do estabelecido socialmente, hegemonicamente.

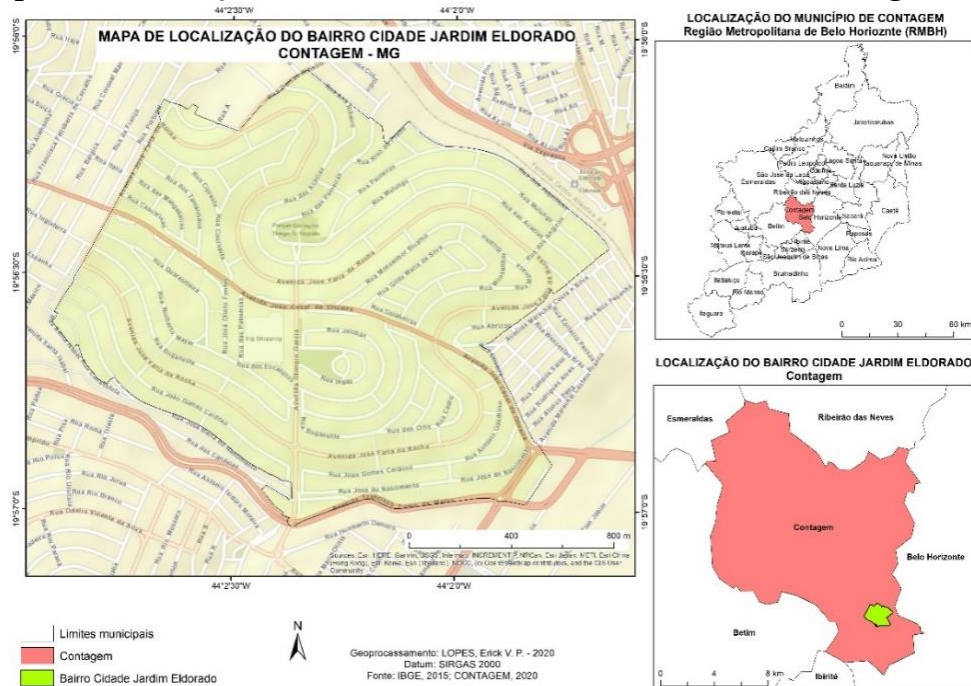
“compartilhável”, sem grandes hostilidades. É a área de maior visibilidade da cidade, fato que acarreta maiores de riscos e ousadias, aumentando significativamente a carga de relevância, ousadia e fama das pichações ali encontradas. Sendo assim, se tem um número específico de pichadores de um número específico de grupos no mesmo, sendo considerados os mais renomados e ousados ali circunscritos.

O **território alheio ou inimigo** é uma parte da cidade cujo se tem um domínio por um grupo diferente. Pichar no território alheio ou inimigo representa uma afronta/desrespeito aos donos e senhores do território e da territorialidade, o que faz com que se tenha certos tipos de retaliações, sob a forma de contrapichações (pichar no território do outro), negação explícita (rabiscos ou ofensas escritas) ou confrontações físicas (brigas).

Esses aspectos foram parcialmente contemplados por Diniz e outros (2015, 2017, 2019), que trabalharam as demarcações desenvolvidas por pichadores no hipercentro de Belo Horizonte. Esses estudos exploraram por meio de mapas e tabelas o predomínio de aparatos, artefatos, locais, posições nas edificações e estilos de pichação naquela parte da cidade. E nessas pesquisas pode ser visto padrões comparativos que os pichadores ainda mantêm, sendo a predominância de pichações de marcações, poucas marcações em esquina, maior quantidade de marcações em edificações, em prédios comerciais, no muro, no nível do olhar, utilização de spray, pichação mineira maior (em 2011 e 2015) e maior paulista (em 2017), de pichações sem sobreposições e maior concentração nos locais com grandes movimentações de transeuntes e veículos. No entanto, ainda são raros os estudos geográficos que lidam com o tema dos grafismos urbanos.

No contexto da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), destaca-se Contagem, cidade vizinha a capital, situada a oeste/noroeste, onde a presença de grafismos urbanos também se faz de forma intensa, especialmente em uma de suas principais centralidades: o bairro Cidade Jardim Eldorado, conhecido popularmente apenas com Eldorado. O bairro Eldorado se destaca devido ao seu histórico, nível de adensamento e serviços ali registrados (estação de ônibus inter e intrametropolitana, de metrô, *shopping center*, Unidade de Pronto Atendimento - UPA, Tribunal Regional Eleitoral - TRR, dentre outros) (mapa 1).

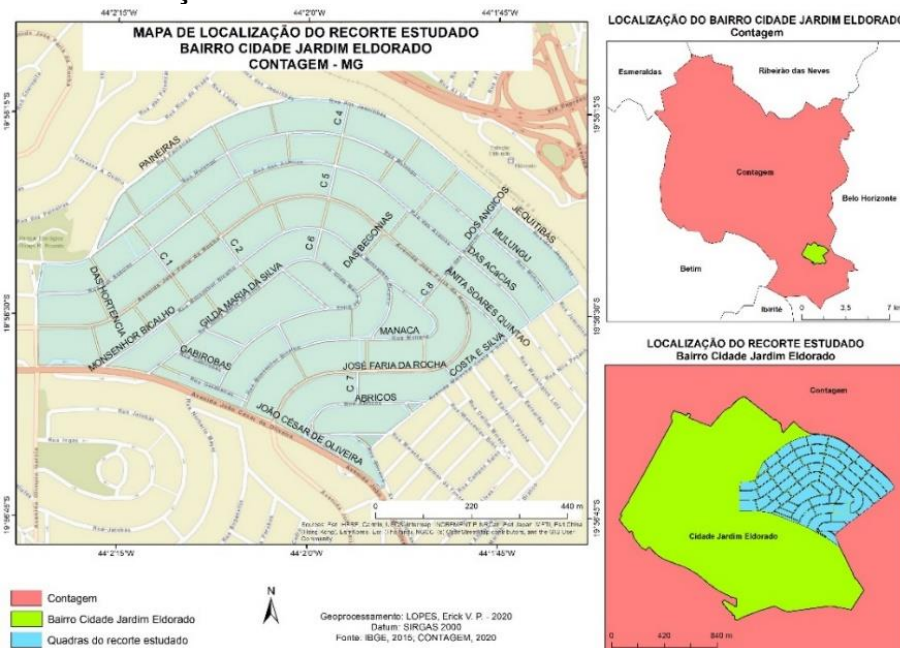
Mapa 1 - Localização do bairro Cidade Jardim Eldorado em Contagem - MG



Fonte: IBGE, 2015; CONTAGEM, 2020.

Dada a impossibilidade de percorrer todo o município de Contagem e de todo o bairro Eldorado, destaque-se aqui, o recorte estudado, extraído da área mais densamente habitada e movimentada (em relação aos transeuntes e transportes) do bairro (mapa 2).

Mapa 2 - Localização do recorte estudado no bairro Cidade Jardim Eldorado



Fonte: IBGE, 2015; CONTAGEM, 2020.

A pichação, apesar de evidente, ainda não foi exaustivamente estudado, fato que suscita a pergunta que guia esta investigação: como o fenômeno da pichação se manifesta no bairro Eldorado, em Contagem?

Com base nessas ideias, busca-se aqui identificar os padrões/densidades dos Grafismos Urbanos encontrados na parte mais densamente habitada do bairro Eldorado, em Contagem - MG: uma área que se constitui como uma importante centralidade naquele município. Busca-se ainda identificar existência de relações entre as pichações e o ambiente urbano e seus aparatos, com base na metodologia desenvolvida por Diniz e outros (2015, 2017, 2019): os resultados do levantamento dos grafismos urbanos foram submetidos às técnicas de inventariação e georreferenciamento, que subsidiaram a criação de um mapa ilustrativo da distribuição e dinâmica das pichações.

Seguida pelos passos: planejamento de rotas; utilização dessas rotas para a realização de registros fotográficos das pichações; registro das suas coordenadas geográficas e preenchimento de formulários específicos para cada pichação, com 14 variáveis relacionadas à localização geográfica, estilo, materiais empregados, tipo de edificação, posição na edificação, dentre outros aspectos que serão apresentados nas análises; construção de um banco de dados alfanumérico com esses dados; geração de estatísticas descritivas; e, posteriormente, a criação de um mapa coroplético da distribuição e dinâmica das pichações. Os resultados do levantamento dos grafismos urbanos foram submetidos às técnicas de inventariação e georreferenciamento, que subsidiaram a criação de um mapa ilustrativo da distribuição e dinâmica das pichações.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PICHAÇÃO E A TERRITORIALIZAÇÃO

Existem inúmeras formas de grafismos urbanos, sendo as mais populares o grafite e a pichação. O grafite é considerado por muitos como uma forma legítima de expressão artística, composta por desenhos elaborados e rica paleta de cores. Por sua vez, a pichação representa uma forma menos aceita e mais controvertida.

A palavra “pichar” tem concepções diferentes no relance da origem de seu conceito. Burzlaff (2008) denota duas ideias de onde tenha se formado a palavra. A primeira vem da língua russa, da palavra “писать”, significa escrever, que quando é pronunciada a palavra na primeira pessoa do singular, soa como “пишу”, algo próximo de “pishu”. Mas a ideia mais aceita vem da palavra pinchar, que seria junção da palavra “pinche” com a palavra “ar”, segundo o dicionário Michaelis (1998), que seria aplicar pinche ou pintar com pinche em algo. Fato

interessante, pois, até os dias atuais, diversas pessoas ainda utilizam o termo “pinchar” ao se referirem a mais popular forma de grafismo urbano: a pichação. O Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, segundo Biarchi (2007) tem por uma definição que a palavra pichação é singular e pichações é plural, sendo os dois a ação de aplicar piche em algo.

No âmbito de sua grafia, segundo Diniz, Ferreira e Lacerda (2017) há certas manifestações quanto ao termo pichação ou até confusões com outro estilo, o grafite, sendo a palavra pichação encontrada grafada com “ch” ou “x”, fato que causa ainda mais mal-entendidos. Destaque-se, neste sentido, que a utilização do “ch” implica no ato de demarcar as paredes (sendo grafite, marcações políticas, aleatórias, propagandistas), enquanto a utilização do “x” implica em um desrespeito deliberado à ortografia oficial, fato que é representativo de um estilo de vida contestador dos pichadores, marcado por sua ousadia. Destaque-se, ainda, a presença de três grandes estilos de pichação: a paulista (com traços retilíneos) (imagem 1), a carioca (traços circulares e embolados) (imagem 2) e a mineira (traços retilíneos e circulares) (imagem), elementos que surgirão na discussão dos resultados deste estudo.

Imagem 1 - Pichação Paulista



Fonte: Dados do pesquisador.

Imagem 2 - Pichação Carioca



Fonte: Dados do pesquisador.

Imagem 3 - Pichação Mineira



Fonte: Dados do pesquisador.

Carvalho (2013) afirma que o grafite e suas variações de produção como o *wildstyle* (imagem 4), *throw-up* (imagem 5), grafite somente com desenhos (imagem 6), 3D, dentre diversos outros é diferente da pichação, pois, tem um foco um pouco maior na estética, nas cores e formas. Ressalta-se aqui, que o Brasil é o único país no mundo em que se existe uma separação das duas manifestações: pichação e grafite (SILVA, 2013).

O grafite derivou no *bomb* (imagem 7), abreviação de *bombing*, (bombardeamento) que seria um grafite com uma letra, mais arredondada, de bolha, ilegível, com formas de grafite e intencionalidade de pichação. No Brasil, mais especificamente em Belo Horizonte, teve-se a junção da pichação e do grafite, ocasionando no grapixo (imagem 8), que seria uma letra de pichação (mais especificamente a paulista) com cores dentro, que também se espalhou pelo país (CARVALHO, 2013).

Imagem 4 - Grafite Wildstyle



Fonte: Dados do pesquisador.

Imagem 5 - Grafite Throw-up



Fonte: Dados do pesquisador.

Imagem 6 - Grafite desenhado



Fonte: Dados do pesquisador.

Imagem 7 - Bomb



Fonte: Dados do pesquisador.

Imagem 8 - Grapixo



Fonte: Dados do pesquisador.

Quanto à sua contextualização histórica, o ser humano desde a pré-história tem a necessidade de demarcar paredes. Isnardis (1997) afirma que:

Se desconhecemos os lugares onde a prática de pintar paredes rochosas ocupava na vida cultural e cotidiana dos grupos pré-históricos - que pode ter ido desde a condição de rito importante à de atividade de valor secundário -, no caso dos pichadores sabemos muito bem que, para eles, pichar é uma prática central em suas experiências de vida coletiva. (ISNARDIS, 1997, p. 145).

Ou seja, são grafismos que se aproximam em quesitos de coletividades e outros bens, mas se distanciando na essência. Segundo Souza (2007), pichações podiam ser vistas nas paredes de antigas civilizações. Na Roma antiga, com predomínios políticos, registros dão conta dessas manifestações na Idade Média, com o foco religioso e na era das bruxas, iniciado no século XV. Demonstrando o cunho de revolta, coletividade e subjetividade desde o início (SOUZA, 2007).

A popularização das latas de spray na Segunda Guerra Mundial, segundo Diniz, Ferreira e Alcântara (2015) trouxe outras dinâmicas a essa prática, pela sua facilidade. Até a década de 1960 na França e 1970 nos EUA, a prática ainda estava atrelada a sua essência inicial de revolta, sendo utilizado por diversos movimentos. Sendo que nos EUA, a prática começou a modificar pelos outros movimentos, como o Hip Hop, e pela variação de segmentos artísticos. Mas tomaram caminhos diferentes, uma vez que o grafite seguiu bastante o Hip Hop, com suas características, sendo considerado como arte urbana ou de rua, enquanto a pichação tomou o caminho de ser o “sujo”, sem cor e incomodar (CARVALHO, 2013).

Ainda segundo Diniz, Ferreira e Lacerda (2017) no Brasil a pichação iniciou na ditadura militar (1964-1985), com o viés de revolta, inspirada nas manifestações estudantis franceses, da década de 1960. Porém, após a ditadura, iniciou práticas de assinar significados e símbolos específicos, por diversas vezes, trazendo outras dinâmicas e simbolismos, inspirada pelas mídias exteriores. Fato interessante, é que indivíduos pichavam frases aparentemente sem sentido, o que causava curiosidades.

Assim, o ato de pichar foi considerado crime ambiental pela seção IV dos Crimes Contra o Ordenamento Urbano e Patrimônio Cultural, da Lei de Crimes Ambientais (9.605/1998), por ser considerado que “suja” a cidade e atinge o patrimônio do outro. Porém, no ano de 2011, entra em vigo a lei 12.408, que legaliza o grafite e proíbe a venda de tintas para menores de 18 anos. Sendo uma busca de metamorfosear os dois fenômenos (pichação e grafite) (SILVA, 2013). Mas cada estado e município atualizou/modificou essas leis.

Com a absorção da cultura brasileira, especificamente seus desdobramentos e sua adaptação as diferentes realidades, foi desenvolvido uma estética tipicamente brasileira, sendo reconhecida em todo o mundo. Praticamente todo estado tem a sua marcação específica, porém, as mais conhecidas são a de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Essas marcas, ainda,

podem ser encontradas fazendo referência ou não a grupos ou *crew*, que possuem membros com relações de familiaridade irmandade, onde que cada grupo possui influências, amizades, inimizades etc.

Buscando um maior entendimento da atuação dos praticantes da pichação, estes fazem os diversos compostos das cidades mudarem seus significados, em busca da fama, conhecimento, causar no imaginário popular e afins (DINIZ; FERREIRA; LACERDA, 2017). Nessa sua intencionalidade, territorializa o território, fazendo com que ele venha a se tornar territorialidade. Dematteis (1995) afirma que o território é a combinação entre os aspectos horizontais de pessoas, produção, circulação (ou seja, relação social-social) e verticais de clima, solo, culturas (ou seja, relação social-natural) (DEMATTEIS, 1995; SAQUET, 2006). Já para Turco (1998) o território é construído com as relações sociais, sendo condições e reproduções em si (TURCO, 1998; SAQUET, 2006). Turri (2002) assegura que o território é uma associação física e social, porém dando ênfase no processo histórico, nacional e internacional (TURRI, 2002; SAQUET, 2006).

O primeiro processo em jogo da passagem dos processos de território para a territorialidade se diz no âmbito da territorialização, que Tonucci Filho (2013) afirma: “territorializar significa, enfim, criar mediações espaciais que proporcionam poder (multiescalar e multidimensional, material e imaterial, de dominação e/ou de apropriação) sobre a reprodução dos indivíduos e grupos sociais.” (TOUNICCI FILHO, 2013, p. 47). Sendo então a ação ou o modo de dar significação/significado pelas diferentes utilizações e usos dos diversos territórios.

Esses movimentos podem não ser simples, a partir do momento que implica em superposição/sobreposição e/ou mudança/expulsão de territórios, o que pode acarretar certos conflitos, pela exposição de diferentes poderes em choques. Já na territorialidade, Raffestin (1993) afirma que elas estão em acordo com a vivência dos territórios por participantes de coletivos; com organização, influências, territórios diferentes e únicos, com compartimentos de interação e integração humana, a partir de identidades (FUINI, 2015). Para Sack (1986) é uma estratégia humana para dirigir e especificar territórios, sendo com usos sensatos que dão para ele. Inclui também o que fixa o ser humano em algum lugar e o que o expulsa do mesmo (FUINI, 2015). Seriam como o exímio exercício do poder e sua projeção e materialização no espaço. Assim, há a constante busca de espaço e poder, refletido em quem picha mais e onde picha mais.

3 CONTEXTO HISTÓRICO DE CONTAGEM

As origens da cidade de Contagem, em Minas Gerais, datam do século XVIII. Em 1701, as margens do Ribeirão das Abóboras, localizado nesta região, foi construído um posto fiscal, a mando da Coroa Portuguesa (CUNHA, 2010).

Contagem em 1941 tem a criação da Cidade Industrial, pelo fato de que como consequência da crise mundial de 1929, houve certas mudanças nas relações, onde que o Brasil, buscando sair de tal condição, se industrializa (CALDEIRA, 2000). Devido a essa dinâmica, Contagem se tornou a segunda maior cidade do estado, em números de habitantes. Porém, esses processos de urbanização se deram de forma bastante desorganizada, como de costume em todo o país. Tal processo ocorreu sem o devido planejamento, regularização e serviços básicos. Os terrenos ficaram mais caros e acabou direcionando os migrantes atraídos pelos empregos para as áreas de riscos geológicos, poluições e dentre outros (ANDRADE, 2000).

Segundo a Prefeitura de Contagem (2013), foi assim que apareceram as demais regiões de Contagem. Isso fez com que a cidade se tornasse um lugar com más ligações entre os bairros, sendo muitos voltados para a capital. Concomitantemente com esses processos, a cidade se tornou bastante poluída e com tráfegos intensos.

O primeiro movimento sindicalista no Brasil ocorreu no início do século XX, no ano de 1906. Mas cabe aqui ressaltar que a primeira grande mobilização sindical no Brasil durante a ditadura militar, aconteceu em Contagem no ano de 1968. Com a expansão democrática propiciada pelos governos Juscelino Kubitschek (JK), Jânio Quadros e João Goulart, ocorre em todo o país um expressivo crescimento dos movimentos sociais reivindicativos. A importância de JK é tanta, que se tem ruas, bairros e UPA com seu nome e o de seu pai (João César de Oliveira) (CONTAGEM, 2013; IBGE, 2013).

Saltando para um contexto atual, segundo o censo do IBGE, do ano de 2010 e suas atualizações em 2017 e 2018, demonstrando sua importância, Contagem se localiza em 3ª posição em relação a população (2010), (603.442 habitantes em 2010, com previsão de 668.949 habitantes em 2020), 39ª posição no salário médio mensal dos trabalhadores formais (2018) (2,6 salários-mínimos) e 46ª posição no Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* (2017) (R\$ 44.015,99), em comparação com o estado mineiro. Já na comparação com todo o país, ocupa o 31º lugar em relação a população (2010), 466º lugar no salário médio mensal dos trabalhadores formais (2018) e 476º lugar no Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* (2017).

Possuía um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), em 2010, de 0,756, que significa um resultado mediano, precisando melhorar em diversos requisitos,

principalmente por nem todos os bairros terem essa média. Apesar disso, ela ainda perpassa por muitos desafios.

3.1 Contexto histórico do bairro Eldorado

Como o próprio nome já diz, o Cidade Jardim Eldorado foi criado inspirado no modelo cidade jardim europeu, idealizado como uma contraproposta em relação aos graves problemas europeus devido a crescente industrialização sem planejamento e precária. Idealizada por Howard e materializada por Parker e Unwin em Lechtworth Garden City, conhecida popularmente apenas como Lechworth, localizada na região leste da Inglaterra, tendo sua experiência teórica e prática inspirado o restante do mundo (CHOAY, 1998; BERNARDES; CASTRO, 2015).

Criado em 1954 (ANDRADE, 2000), o bairro foi uma contrarresposta em um contexto de industrialização em todo o Brasil, mas principalmente em resposta a Cidade Industrial. Deste modo, o Eldorado visava suprir as demandas da população operária e a solução dos problemas urbanos (escassez de transporte, serviços, saneamento), devido à grande movimentação causada pela Cidade Industrial (BERNARDES; CASTRO, 2015).

O bairro dá início a sua ocupação, buscando uma maior materialização de sua realidade, tentando atender a todas as necessidades. Ele estava voltado para a Cidade Industrial e tinha como referência Belo Horizonte, pela falta de atendimentos locais, seja de empregos, seja de serviços (FERREIRA, 2002). Tanto o Eldorado quanto a Regional Eldorado, onde se situa o mesmo, são grandes beneficiários pela sua localização, localizada entre a Sede Administrativa e a Cidade Industrial.

Com suas atratibilidades, o referido bairro passou a ser caracterizado por uma população com um nível de renda mais elevado e com um centro diversificado (BERNARDES; CASTRO, 2015). Por outro lado, também há as construções de edificações multifamiliares para população com um baixo nível de renda, devido a expulsão de Belo Horizonte (CUNHA, 2010). Assim, cresce e diversifica os serviços e atividades comerciais.

Características intrínsecas da regional é que tem a maior quantidade de habitantes e a renda *per capita* mais alta da cidade, onde tem terminal de metrô e ônibus, *shopping center*, equipamentos de saúde, parques e afins (CUNHA, 2010). Na região há o Big Shopping, equipamentos escolares e de saúde, Centro de Consultas Iria Diniz, Hospital e Maternidade Santa Helena, o Parque Ecológico de Contagem, dentre outros. Apesar disto, com os dados da Secretaria municipal de Desenvolvimento Urbano de Contagem de 2014, pode-se observar que

há uma baixa taxa de crescimento na Região Eldorado nos últimos anos, que são associados a saturação dessa região, seja de transporte, sistema viário, adensamento populacional (BRITO; SOUZA, 2015). O Eldorado caracteriza-se, inspirado nas cidades jardins, por edificações com média de três a quatro pavimentos (BERNARDES, CASTRO, 2015).

A forma urbana e os traçados são decorrentes das condições topográficas, onde as vias seguem o traçado das curvas de nível, por isso, são contornadas e sinuosas, sendo um traçado orgânico (BERNARDES, CASTRO, 2015). Assim a Avenida João César de Oliveira acompanha a parte mais alta, um divisor de águas e nas suas laterais há consequentes desníveis. E a mesma “a partir do final dos anos 1960 passou a interligar o bairro à Sede de Contagem e à Cidade Industrial Coronel Juventino Dias, dando suporte a um tráfego cada vez mais intenso.” (BERNARDES, CASTRO, 2015, p. 72).

Segundo Bernardes e Castro (2015) há ainda relações, onde que a Avenida Olímpio Garcia liga o Parque Ecológico de Contagem a Praça Nossa Senhora da Glória. Assim:

Ao associar espaço livres e área verde, ele potencializa não só as possibilidades de interação social, reforçadas pelas programações recreativas e esportivas diárias que envolvem a participação da comunidade, mas também as vantagens trazidas pela preservação da microbacia do Rio das Velhas. (BERNARDES, CASTRO, 2015, p. 75).

Pode-se ver que a cidade mescla a forma industrial com a jardim, tendo relações específicas com o espaço, diferentes de outros bairros contagenses, sendo uma espécie de ligação e de transição, entre o urbano e o industrial, entre o jardim e o concreto, entre a administração e o administrado, entre metrópole e cidade metropolizada.

4 GRAFISMOS URBANOS

Após empreendermos uma discussão dos arcabouços/caracterizações e das contextualizações, passa-se agora a uma análise da apresentação dos grafismos urbanos no recorte levantado no bairro Eldorado. Os objetivos da coleta dos dados que serão analisados, visavam a busca empírica da comprovação de estudos acerca da pichação em Minas Gerais, abordados por Diniz e outros (2015, 2017, 2019). Os responsáveis pela coleta de dados foi o próprio autor do artigo, coletados durante uma semana, do dia 17 ao 24 de abril do ano de 2018, com os procedimentos adotados levantados na introdução, com as bases de Diniz e outros (2015, 2017, 2019). O formulário feito para cada pichação, havia 14 variáveis, as quais foram

identificadas pelo olhar do observador e anotadas, as quais algumas eram apenas de identificações para o banco de dados, as outras serão analisadas em seguida.

A partir dos dados coletados, faz-se necessário destacar alguns elementos, além de sua densidade e localidade que serão apresentados mais abaixo. O primeiro dado representa as motivações dos mesmos (quadro 1), sendo que praticamente todos são pelo intuito de demarcar território (99,6%), mostrando sua particularidade e adesão. Mas, analisando a pequena quantidade de pichações por motivações políticas (0,2%), pode se dizer que demonstra uma pequena inércia ou calmaria nesse cenário.

Quadro 1 - Natureza das pichações

Natureza	Frequência	Percentual (%)
Marcação de território	1.254	99,6
Outras	3	0,2
Política	2	0,2
Total	1.259	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

O dado seguinte diz respeito aos grafismos urbanos que estão situados nas esquinas (quadro 2). A esquina tem intrínseca relação de espaço, pelo fato de ser situada no entroncamento de duas ruas, tal ponto aumenta sua visibilidade facilmente. Porém, no caso aqui estudado, se tem pouca quantidade (8,3%), pelo fato de se ter poucos cruzamentos interessantes, pelo fato de se ter poucas ruas principais.

Outro fato também denotado, é que duas esquinas, uma entre a Avenida João César de Oliveira e entre a Rua José Faria da Rocha e a outra entre a Rua José Faria da Rocha e a Delfim, possuem lotes vagos nesses entroncamentos (que é facilitado para sua entrada e pode se ter mais áreas para se pichar), são bastante destacados, tendo em vista movimentação ali existente.

Quadro 2 - Quantidade de pichações nas esquinas

Esquina	Frequência	Percentual (%)
Não	1.155	91,7
Sim	104	8,3
Total	1.259	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

O dado do local onde a prática é vista (quadro 3) demonstra a realidade do recorte estudado, que não possui monumentos e não são visados equipamentos públicos (bancos, orelhões, pontos de ônibus, postes etc.), pelo fato de serem em menor quantidade do que as edificações e, por não serem de grandes destaques, não se tendo tanta visibilidade, salvo

algumas exceções. Sendo assim 99,8% das pichações buscaram edificações e não buscaram os outros locais.

Quadro 3 - Locais pichados

Local	Frequência	Percentual (%)
Edificação	1.256	99,8
Equipamento urbano	3	0,2
Monumento	0	0
Total	1.259	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Tendo em vista os dados sobre os tipos de pichações (quadro 4), tem-se o predomínio das casas, com 50,2 % e prédios comerciais, com 33,5%, pelo próprio fato da função do bairro, sendo residencial e com o comércio para atender os mesmos e adjacentes, tendo em vista a concentração de serviços nas ruas principais pela dinâmica ali encontrada (proximidade com a Cidade Industrial de Contagem, pela Sede Administrativa e ponto de passagem de outras regiões).

Outro fator são os prédios/lotos desocupados (11,4%), onde que os lotes vagos ali encontrados são bastante visados pelos praticantes, pela sua praticidade e a sensação de seu “não pertencimento”, seja a algum dono ou lugar, além de situarem em ruas importantes, como destacado anteriormente.

Quadro 4 - Tipo de edificações pichadas

Edificação	Frequência	Percentual (%)
Casa	632	50,2
Prédio Comercial	422	33,5
Prédio Desocupado	143	11,4
Prédio Residencial	49	3,9
Estacionamento	4	0,3
Igreja	4	0,3
Não se aplica (NSA)	3	0,2
Prédio Público	2	0,2
Outros	3	0,2
Museu	0	0
Total	1.259	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

No local da edificação em si que foi demarcado (quadro 5), obtém a predominância nos muros (79%), por serem em maior quantidade e extensão e, nas portas de lojas (15,3%), fato este que demonstra que a atividade está sendo realizada nos períodos em que os

estabelecimentos se encontram fechados, ou seja, longe da atividade dos transeuntes e em locais tendo uma visibilidade em certos momentos do dia (a noite) e nos finais de semana e feriados. No portão tem 4%, pela função do bairro.

Quadro 5 - Local pichado na edificação

Local na edificação	Frequência	Percentual (%)
Muro	995	79
Porta de loja	193	15,3
Portão	50	4
Outros	11	0,7
Janela	8	0,6
Não se aplica (NSA)	3	0,2
Pilastra	2	0,2
Calçada	0	0
Total	1.259	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Na altura em que a pichação se encontra na edificação específica (quadro 6), demonstra o nível de ousadia dos praticantes, pelo fato de quanto mais arriscado e mais alto, maior a visibilidade dos transeuntes e admiração dos praticantes.

Há pouca utilização de marcação no topo da edificação (4,4%), por fatores de possuírem poucas edificações altas e por ser ousadia de poucos. Na marquise também se tem as mesmas considerações que no topo, porém, com menor escala/status (12,4%). Já o nível do olhar (82,7%), como é o mais fácil de ser realizado e de evitar ser pego na prática, é o mais difundido.

Quadro 6 - Altura da pichação na edificação

Altura na edificação	Frequência	Percentual (%)
Nível do olhar	1.041	82,7
Marquise	156	12,4
Topo da edificação	55	4,4
Nível do solo	4	0,3
Não se aplica (NSA)	3	0,2
Outros	0	0
Total	1.259	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Do ponto de vista dos materiais utilizados (quadro 7), a predominância do spray, com 82,3% na utilização, demonstra o desejo de agilidade que se tem de produzir, além de que é mais prático de carregar e esconder. Na técnica do rolinho (14,1%) e do borrifador (3,6%) necessitam de serem carregados de forma difíceis de se esconder, além de que eles são utilizados geralmente no topo do prédio, fatos que condizem com os dados anteriores.

Quadro 7 - Material empregado nas pichações

Material empregado	Frequência	Percentual (%)
Spray Aerosol	1.036	82,3
Rolinho	178	14,1
Borrifador	45	3,6
Outros (bisnaguinha, canetão, marcador)	0	0
Total	1.259	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

No que diz respeito ao estilo da pichação (quadro 8), no Brasil e em Minas Gerais ganha destaque as pichações de cunho carioca, paulista e mineira. Um fato destacado é a predominância do número pichações paulista (57,6%), o que foi visto sua ascensão em Belo Horizonte pelo trabalho de Diniz e outros (2015, 2017, 2019), fato que se consolida em Contagem. Uma vez que São Paulo foi o grande precursor da pichação, além dos inúmeros materiais produzidos pelos pichadores paulistas, até pelo fato da influência de grupos e pichações da capital paulista, seja pela "imitação" desses pichadores ou em suas vindas para a capital mineira, sendo visto tal fato nas suas assinaturas, remetendo São Paulo, pelo próprio nome da cidade ou pelo número da Discagem Direta à Distância (DDD) (que no caso de São Paulo é o DDD 11).

Já a mineira e principalmente a carioca, se encontram em decaimento (28,2% e 5,8%, respectivamente). Outro fato também importante é a aparição do *grapixo* (3,3%), *bomb* (2,5%) e grafite (2,2%), uma vez que são os produtos mais coloridos e desenhados, porém ainda com a intenção de demarcar.

A hipótese aqui levantada, principalmente pela ascensão do *bomb* (uma vertente do grafite), são duas: o fato da repressão contra a prática da pichação faz com que seja mais praticado, acaba sendo aceito (sendo visualmente aceito sem saber sua real intenção); ou, o fato do *bomb* estar passando pelo mesmo processo em que o grafite passou (início marginalizado, onde que ao passar dos anos começou a ter transformações e ganhar cores e formas, sendo mais aceito), sendo que se a prática fosse pela repressão, seria feito em outros momentos do dia (parte da manhã e da tarde), o que não é visto.

Quadro 8 - Estilos das pichações

Estilo da pichação	Frequência	Percentual (%)
Paulista	725	57,6
Mineiro	355	28,2
Carioca	73	5,8
Grapixo	41	3,3
Bomb	31	2,5
Grafite	28	2,2
Outros	6	0,5
Total	1.259	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Outro hábito carregado de simbolismo está relacionado a sobreposições (quadro 9), onde que ela demonstra conflitos e/ou rixas entre pichadores e/ou grupos. Sendo assim, esses casos estão sendo raros (0,1%), uma vez que antes havia mais, ou seja, há uma maior relação de compartilhar territórios por um bem comum, o ato de quem consegue demarcar mais e onde marca mais, não precisando de disputas fora das paredes.

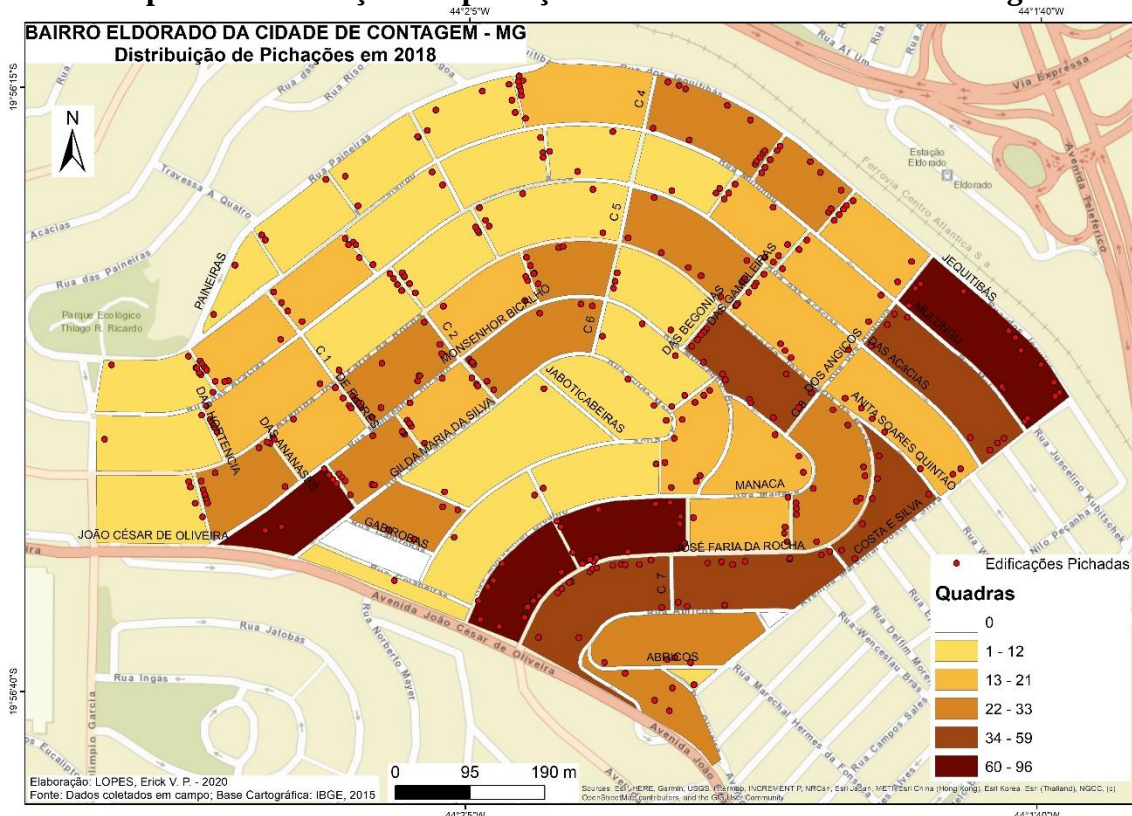
Tabela 9 - Sobreposição das pichações

Superposição	Frequência	Percentual (%)
Sem superposição	1.258	99,9
Sobreposto	1	0,1
Total	1.259	100

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

No mapa feito a partir da coleta de dados (mapa 3), pode ser visto uma espacialidade e uma dinâmica espacial igualmente visto nos trabalhos de Diniz e outros (2015, 2017, 2019), onde que os locais de grande visibilidade ganham destaque no foco dessa prática, ou seja, as relações que se tem num centro e no bairro próximo ao centro nesse caso, são similares.

Mapa 3 - Distribuição das pichações no bairro Eldorado em Contagem



Fonte: Dados coletados em campo, 2018; IBGE, 2015.

Na área ao sul em branco no mapa, remete a uma área que se tem pouco movimento, sendo uma escola que estava passando na época da coleta de dados por reformas/revitalizações. Na área ao sudeste em branco, é uma pequena rotatória/prça, não sendo interessante para os praticantes.

As áreas privilegiadas, como as proximidades da Estação de metrô Eldorado, que além de ser um ponto inicial/final do metrô, também possui uma estação e plataforma de ônibus, que tem a interligação intramunicipal com quase todas as regionais da cidade e intermunicipal com parte da RMBH, sendo que a Via Expressa se localiza próxima da mesma e a BR-040, BR-381 e Avenida Amazonas situam relativamente próximas a área. Sendo assim, um local de intrínseco destaque, pela mobilidade e pelo eixo de integrações simultâneas que ali ocorrem.

Já na Avenida João César de Oliveira, ela ganha destaque em duas localizações: no cruzamento com a Rua José Faria da Rocha (as duas vias são umas das principais ruas de Contagem e da região), sendo local de ligação entre vários locais de Contagem, sendo um local que praticamente todos os ônibus que vão ou saem da estação de ônibus, passam por ali (imagem 9). O outro ponto é nas proximidades do Big shopping e UPA JK, do cruzamento entre tal via e a Rua Monsenhor Bicalho, outra área bastante movimentada pelos seus fixos e fluxos (imagem 10).

A Rua José Faria da Rocha também ganha destaque em outro ponto, com o cruzamento com a Rua Delfim, também pelo fato de elas serem rotas de praticamente todos os ônibus que por ali percorrem. Um fato interessante nessas duas localidades, são a presença de lotes vagos, onde eles são alvos inerentes a prática aqui relatada.

Imagem 9 - Pichação no cruzamento da Av. João César de Oliveira com a Rua José Faria da Rocha



Fonte: Dados do pesquisador.

Imagem 10 - Avenida João César de Oliveira nas proximidades da UPA JK



Fonte: Dados do pesquisador.

Assim, pode ser visto que a atratividade principal dos pichadores, que é a visibilidade, traduz-se nas áreas com maiores movimentações públicas, seja de transeuntes ou de trânsito (veículos em geral, principalmente de ônibus) ou de comércios (que mobilizam os transeuntes). Sendo exímios conhecedores do espaço, do território e da territorialidade, tanto físico, concreto, material, quanto simbólico, abstrato, cultural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem urbana faz parte do composto cotidiano das cidades e dos indivíduos ali em convívio. A dinâmica interrelacional entre o que é material e imaterial passa muita das vezes despercebidos pelos olhares que cercam as mesmas. As pichações, assim como a paisagem urbana, estão em intensa transformação e comunicação, sendo particulares a si mesmas e a outros processos cabíveis nesses diálogos. Como uma forma de se manterem vivas, isso se faz de extremo necessário para elas.

O processo de demarcação da cidade pelos grafismos urbanos são processos que decorrem de inúmeros significados e subjetivação. Porém, com o auxílio de trabalho de campo

e das atuais tecnologias de tratamento da informação espacial, possa se ter uma ideia e ampliar o aparato acerca do fenômeno dos grafismos urbanos no bairro Eldorado em Contagem.

Com a identificação da densidade e localidade delas, pode-se correlacionar a prática com sua visibilidade no local, elencando assim, locais, tipos de prédios e alturas específicas, sendo um processo altamente seletivo. A prática utilizada de sprays pela sua facilidade de manuseio e sua dificuldade com aparatos maiores, leva a outras seletividades. Os estilos que vem ganhando seus adeptos e os aparatos também se correlacionam, pelo fato de ser mais fácil fazer algumas dessas combinações. A briga pelo espaço se dá no ponto de vista do ato e não de disputas fora da parede, sendo considerado o bem comum a todos. A esquina não entra nesses processos, nesse caso, pela dinâmica espacial do próprio bairro, porém, sendo destacadas as esquinas com lotes vagos, recendo assim conotação diferenciada.

Destacam-se características como a predominância das pichações em de marcação, de pichação em não esquinas, em edificações, em casa (residência), no muro, na altura do olhar, com spray aerossol, paulista, sem sobreposição e maior concentração nos locais com grandes movimentações de transeuntes e veículos. Estes padrões foram também percebidos por Diniz e outros (2015, 2017, 2019) em Belo Horizonte, apenas com a exceção da predominância no tipo da edificação, que é prédio comercial e pelos estilos estarem passando por mudanças em Belo Horizonte. Pode ser visto que a dinâmica na cidade em si, reflete e é refletida pelos contextos em geral.

Tais marcas se tornam de entendimentos subjetivos, podendo haver situações escondidas, porém, é o que faz do ato se tornar um objeto mais interessante ainda às áreas do conhecimento. Este aqui é um pequeno recorte espacial e temporal, que tenta demonstrar como ela tem suas características intrínsecas e ricas para análises da cultura, do espaço e do urbano, correlacionando diversas variáveis.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos. Ressonâncias do tipo cidade-jardim no urbanismo de cidades novas no Brasil. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO: CINCO SÉCULOS DE CIDADE NO BRASIL, **Anais...**, v. 6, n. 1, p. 1-15, 2000. Disponível em: <http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/738/713>. Acesso em: 20 nov. 2020.

BERNARDES, B. M; CASTRO, M. L. A. C. de. O Bairro Cidade Jardim Eldorado em Contagem: uma Perspectiva da Sustentabilidade Urbana. **Geografia (Londrina)**, v. 24, n. 2, p. 59-83, jul./dez, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VRNS-9S6FC8>. Acesso em: 20 nov. 2020.

BIARCHI, R. PICHAR, PIXAR, GRAFITAR, COLAR: Os discursos e representações sobre as pichações nas escolas analisados na perspectiva ambiental e libertária. **TEIAS**, Rio de Janeiro, ano 8, p. 15-16, jan./dez 2007. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/24016/1698>. Acesso em: 20 set. 2018.

BRASIL. **Lei 12.408, de 25 de maio de 2011**. Altera o art. 65 da Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalizar o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos. Brasília: Presidência da República, Portal da Legislação, 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm. Acesso em: 20 set. 2018.

BRASIL. **Lei 9.605, de 12 de fevereiro de 1998**. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, Portal da Legislação, 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm. Acesso em: 20 set. 2018.

BRITO, F; SOUZA, J. de. Expansão urbana nas grandes metrópoles: o significado das migrações intrametropolitanas e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 4, out./dez. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000400003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 nov. 2020.

BURZLAFF, V. P. **Ponto e linha sobre plano: a pichação na região central da cidade de Porto Alegre**. 2008. 44f. Monografia (Bacharelado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/16042>. Acesso em: 20 set. 2018.

CALDEIRA, T. P. R. São Paulo: três padrões de segregação espacial. In: CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania**. São Paulo: Editora 34/EDUSP, 2000.

CANEVACCI, M. **A Cidade Polifônica**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CARVALHO, R. A. de C. **Entre prezas e rolês: pixadores e pichações de / em Belo Horizonte**. 2013. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Belo Horizonte, 2013.

CHOAY, F. **O Urbanismo: utopias e realidades, uma antologia**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CONTAGEM, Prefeitura de. **História de Contagem**. 2013. Disponível em: http://www.contagem.mg.gov.br/?es=historia_contagem. Acesso em: 30 jul. 2018.

CUNHA, Pedro. **Orçamento Participativo de Contagem/MG**. 2010. 104f. Monografia (Especialização em Democracia, República e Movimentos Sociais), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

DEMATTEIS. **Progetto implícito: contributo della geografia umana alle scienze de territorio**. Milano: Franco Angeli, 1995.

DINIZ, A. M. A, FERREIRA, R. G. B, LACERDA, A. G. Territórios Verticais Grafismos Urbanos no hipercentro de Belo Horizonte. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 20, n. 71, 2019. Disponível em:
<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/45174>. Acesso em: 20 nov. 2020.

DINIZ, Alexandre Magno Alves, FERREIRA, Rodrigo Guedes Braz, LACERDA, Angélica Gonçalves. Territórios renitentes: os efeitos das políticas repressivas à pichação em Belo Horizonte (2011-2015) / Reluctant territories: the effects of repressive policies on graffiti in Belo Horizonte (2011-2015). **Caderno de Geografia** 27.50, p. 589-616, 2017.

DINIZ, Alexandre Magno Alves; FERREIRA, Rodrigo Guedes Braz; ALCÂNTARA, Sérgio Alves. Pichação, paisagem e território no hipercentro de Belo Horizonte. **Caderno de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 22, n. 30, p. 85-103, 2015.

FERREIRA, Hamilton. **A inserção de Contagem no contexto urbano da RMBH**: reflexões sobre as transformações socioespaciais recentes. 2002. 130f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

FUINI, L. L. O território e suas variantes: uma incursão pela Geografia na pós-modernidade. **Memórias do XV Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL)**. Havana-Cuba: Universidad de la Habana, v. 1, p. 1-20, 2015. Disponível em:
<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Teoriaymetodo/Conceptuales/03.pdf> f. Acesso em: 20 nov. 2020.

HAESBAERT, Rogério. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. cap. 5, p. 95-120.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia. **Censo demográfico de 2010**. 2010. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/contagem/panorama>. Acesso em: 30 jul. 2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia. **Histórico de Contagem**. 2013. Disponível em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/contagem.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2018.

ISNARDIS, Andrei. Pinturas rupestres urbanas. **Revista de Arqueologia**, v. 10, n. 1, p. 143-161, dez. 1997. ISSN 1982-1999. Disponível em:
<https://revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/124>. Acesso em: 20 set. 2018.

LOPES, E. V. P. (2020). **A metropolização da pichação**: evidências de Contagem e Ribeirão das Neves. Monografia (Graduação em Geografia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em:
<http://bib.pucminas.br:8080/pergamumweb/vinculos/000076/000076e4.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAFFESTIN, Claude. A produção das estruturas territoriais e sua representação. *In*: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. cap. 1, p. 17-35.

RAMOS, CMA. **Grafite pichação & CIA**. São Paulo: Editora Annablume, 1994.

SACK, R. **Human Territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, Milton. O papel ativo da geografia: um manifesto. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v.10, n. 9, p. 103-09, 2000.

SAQUET, M. A. Proposições para estudos territoriais. **GEOgrafia**, ano VIII, n. 15, 2006. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/download/1142/1137>. Acesso em: 8 nov. 2019.

SILVA, H. V. B. A da. **Graffiti e pichação na paisagem urbana de Curitiba**. Instituto Federal do Paraná - Campus Curitiba, Curitiba, 2013. Disponível em: http://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/RELAT%C3%93RIO-FINAL_-Graffiti-e-Picha%C3%A7%C3%A3o-em-Curitiba-Heloisa-V-B-A-da-Silva.pdf. Acesso em: 20 nov. 2020.

SOUZA, David da Costa Aguiar de. **Pichação carioca: etnografia e uma proposta de entendimento**. 2007. 122f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

TONUCCI FILHO, J. B. M. Espaço e território: um debate em torno de conceitos-chave para a geografia crítica. **Revista Espinhaço**, v. 2, n. 1, p. 41-51, 2013. Disponível em: <http://www.revistaespinhaco.com/index.php/journal/article/view/16/15>. Acesso em: 9 nov. 2019.

TURCO, A. **Verso uma teoria geografica della complessità**. Milano: Edizioni Unicopli, 1998.

TURRI, E. **La conoscenza del territorio**. Metodologia per un'analisi storico-geografica. Venezia: Marsilio, 2002.